«E-Government» avaliado a nível global

A nível mundial, os investimentos que têm vindo a ser realizados em «e-Government» têm valido a pena. De acordo com um estudo da Accenture, verificou-se em relação ao ano passado uma melhoria significativa na eficiência e na usabilidade dos sistemas de governação electrónica.

A pesquisa «e-Government Leadership: Realizing the Vision» (que pode ser consultada em www.accenture.com/xd) avaliou os sítios governamentais de 23 países, dos quais destacou três - Canadá, Singapura e EUA - classificando-os como líderes inovadores.

Por ordem decrescente de desenvolvimento, os restantes países foram agrupados nas categorias de «desafiadores visionários», «actores emergentes» e «construtores de plataformas».

Portugal situa-se na 18ª posição, atrás do Japão e à frente do Brasil. Portugal ficou quatro lugares abaixo da posição obtida no estudo do ano anterior. Portugal e Brasil incluem-se na categoria de «construtores de plataformas». ■

«E-learning» domina 20% da formação em Portugal

Cerca de 60% dos fornecedores de formação portugueses oferecem serviços de «e-learning». Todavia, a taxa de utilização da aprendizagem electrónica nas acções formativas é somente de 20%. A formação via Web é utilizada em empresas com mais de 500 trabalhadores. Este é o primeiro retrato concreto da realidade do «e-learning» em Portugal traçado pelos dois inquéritos, «Aprendizagem electrónica e formação na Europa» e «Opinião dos utilizadores sobre a aprendizagem electrónica», realizados pelo Cedefop, o organismo europeu de formação.

As variações entre os Estados-membros da UE neste mercado são significativas. Na Finlândia todas as entidades formadoras possuem serviços de formação via electrónica e na Suécia perto de 95%. No que respeita ao tempo de formação, cerca de metade é dedicado em «e-learning» na Suécia, 40% na Itália e na Grécia, 20% na Dinamarca, 15% na Áustria e Irlanda e abaixo dos 10% na Bélgica.

Segundo Eva Smirli, uma das investigadoras que participou nestes estudos, esta baixa taxa de utilização do «e-learning» em Portugal deve-se ao desenvolvimento incipiente das técnicas de formação via electrónica. Os elevados valores encontrados nos países nórdicos são resultado da existência de um sistema de formação contínua nas empresas.

Aquela especialista sublinha também que apesar do optimismo presente no mercado e do apoio mediático às vantagens do «e-learning», os resultados do inquérito mostram que os formadores possuem uma **«falta de autoconfiança que supera o optimismo geral»**. Os estudos foram realizados através do sítio da Aldeia Europeia da Formação do Cedefop (www.trainingvillage.gr) e baseiam-se num conjunto de sete inquéritos realizados durante o ano de 2001. ■

Anuário de Competitividade Mundial 2002

Imprevisíveis. É assim que os mercados irão comportar-se neste ano. Uma economia em «W» - fases de alta performance intercaladas com períodos de baixo desempenho - é a previsão para a economia mundial fornecida pelo Anuário de Competitividade Mundial do Institute for Management Development (IMD), uma prestigiada escola de gestão suíça que classifica todos os anos 49 países segundo o seu nível competitivo.

O «ranking» mostra algumas das vítimas da desaceleração de 2001. Nações de alta performance como Singapura (5º lugar), Hong Kong (9º) e Irlanda (10º) desceram três lugares cada uma e pagam o preço da inversão económica do mercado.

INDEG/ISCTE (Portugal) lança novas pós-graduações

No próximo ano lectivo, o INDEG/ISCTE irá contar com quatro novas Pós-Graduações: Direcção de Unidades de Saúde, Entrepreneurship e Criação de Empresas, Gestão Estratégica da Qualidade e Marketing Político e Social.

Direcção de Unidades de Saúde (exclusivo para médicos)

O principal objectivo é o desenvolvimento de competências de gestão e é destinada a médicos que desempenham funções desta natureza em unidades de saúde, públicas ou privadas, ou identificam a Gestão como uma mais valia no seu projecto de desenvolvimento profissional.

Entrepreneurship e Criação de Empresas

O objectivo é proporcionar formação específica a empreendedores, consultores e financiadores envolvendo o conjunto de tópicos relevantes à criação de novas empresas, à inovação e lançamento de novos negócios. O curso terá um carácter essencialmente aplicado e prático, com apresentação de metodologias e quadros de análise apoiado em exemplos reais, discussão de casos e apresentação de experiências pelos seus protagonistas.

Gestão Estratégica da Qualidade

A meta a alcançar é a formação de profissionais habilitados com sólida preparação e capacidade técnica nos domínios da estratégia e da qualidade. Será facultado o conhecimento específico, aprofundado e integrado dos métodos e técnicas aplicados à qualidade e estratégia para a melhoria da produtividade das organizações.

Marketing Político e Social

Este curso aposta no aprofundamento dos estudos do Marketing Político e do Marketing Social na perspectiva integrada da pesquisa e análise de dados, da definição estratégica e de liderança, e da articulação intrínseca com a Comunicação.

Por sua vez, continuam as Pós-Graduações em Gestão Empresarial, Marketing e Negócios Internacionais, Gest@o.com, Gestão de Produtos Turísticos e as reedições das Pós-Graduações em Gestão Cultural nas Cidades, Retail Management e Segurança e Higiene do Trabalho.

A ficha de candidatura e informações adicionais poderão ser obtidas em www.indeg.org.
Secretariado das Pós-Graduações: Paulo Ferreira e Sofia Rebelo
E-mails: paulo.ferreira@iscte.pt e sofia.rebelo@iscte.pt
Tel. 351 21 782 6100 ext. 201/202
Fax 351 21 793 8709

Escola de Gestão do ISCTE com sete mestrados

Para o ano lectivo de 2002-03, para além das reedições dos Mestrados em Contabilidade, Finanças, Gestão de Empresas e Logística, a Escola de Gestão do ISCTE irá lançar três novos Mestrados: Gestão de Sistemas Ambientais, Master in International Management (leccionado em Inglês) e Prospecção e Análise de Dados (com aplicações nas áreas de Marketing, Qualidade e Estudos Económicos e Sociais). Para mais informações, consulte o website www.indeg.org/escoladegestao.

Por sua vez, os países cujas economias jogaram pelo seguro colhem os frutos da estabilidade: a Holanda subiu para a 4ª posição, a Suíça para a 7ª e a Áustria para a 13ª. O Reino Unido (16º) e a Dinamarca (6º) também conseguiram aguentar a turbulência de 2001.

A França galgou três lugares na tabela chegando à 22ª posição e a Itália mantém-se estável no 32º lugar, logo à frente de Portugal, que já chegou a ocupar a 29ª posição. Este país subiu um lugar em relação a 2000. A Alemanha e a Suécia dão sinais de perda de vitalidade, a caírem para o 15º e 11º lugares, respectivamente. Os EUA continuam sólidos no 1º lugar, já por três anos consecutivos.

De acordo com Stéphane Garelli, professor no IMD e na Universidade de Lausanne, a economia permanecerá altamente volátil neste ano, especialmente na Ásia. Por exemplo, o pêndulo da performance económica de Singapura poderá variar entre um aumento de 10,3% e uma diminuição de 2%. Embora mais estável, a Europa também não atravessará este período incólume, com um declínio do crescimento previsto entre os 2% e os 3%.

O académico do IMD afirma que este comportamento volátil poderá ter alguns aspectos positivos. **«Não é de descartar a hipótese de que algumas economias asiáticas recuperem significativamente, logo no primeiro semestre, à frente do resto do mundo»**, refere. Neste aspecto, aponta a Coreia do Sul como exemplo desta tendência, dada a recuperação do sector dos «chips» para semicondutores, o qual representa cerca de um terço das suas exportações.

A maior auto-suficiência de muitas economias emergentes da Ásia e da América Latina é considerada um factor importante para Stéphane Garelli. **«Estão a aperceber-se de que não podem depender tanto da economia dos EUA ou das exportações do sector «high-tech», porque isso cria imprevisibilidade»**, explica. Em Singapura, a título de exemplo, este sector tem um peso de 62% nas exportações, cerca de 49% na Malásia e 35% na Coreia do Sul. Para inverter a situação, o professor do IMD sugere a revitalização da economia doméstica deste tipo de países e a diversificação das suas indústrias e mercados.

A variação no preço do petróleo pode influenciar o equilíbrio económico para ambos os pratos da balança. **«Foi calculado que uma queda ou um aumento de 10 dólares no preço de um barril de petróleo significa uma poupança de 250 biliões de poupança ou de impostos na economia mundial. É importante frisar que este cálculo não leva em conta o impacto psicológico destas flutuações»**, frisa Stéphane Garelli. ■

Os pecados dos gestores portugueses

Cerca de 82% dos gestores estrangeiros a trabalhar em Portugal acham que os negócios neste país são geridos de uma forma ineficiente e desorganizada. Os gestores portugueses de topo, embora trabalhem duramente, são burocráticos, têm falta de estratégia, não são orientados para o cliente e não sabem funcionar em equipas.

Estas são as principais conclusões do relatório «A gestão portuguesa poderá competir?» (Can Portuguese Management Compete?), realizada com base num inquérito aos gestores estrangeiros de topo em Portugal, feito pela empresa portuguesa de recrutamento de quadros, Ad Capita International Search, e pela reconhecida Faculdade de Gestão Inglesa, Cranfield School of Management. **«Este estudo foi criado com algum cuidado e serviu como modelo para um estudo mais alargado que vamos fazer em mais países da Europa e do resto do mundo»**, remata Chris Brewster, professor catedrático de gestão de recursos humanos internacionais daquela universidade.

Os gestores séniores estrangeiros apontaram que os problemas mais graves da gestão portuguesa são a sua matriz individualista e pouco cooperativa, a sua pouca dedicação à excelência do serviço ao cliente, a preferência por não planear o seu trabalho, o excesso de formalidade nos seus relacionamentos e a sua obsessão por títulos académicos.

Este diagnóstico bastante negativo é reforçado pelos próprios gestores portugueses inquiridos, que em geral concordam com estas apreciações. As barreiras da cultura portuguesa à mudança são o individualismo, a desresponsabilização, os fracos hábitos de trabalho em equipa e a falta de objectivos estratégicos comuns. Outra conclusão do relatório é que a educação em gestão também é francamente pobre.

«Não ficamos surpreendidos quando os estrangeiros criticaram aspectos como pontualidade, organização e visão estratégica», refere o Director Geral da Ad Capita, Clive Viegas Bennett. **«Mas estávamos à espera de ouvir que, por outro lado, os gestores portugueses são criativos e têm algum talento para resolver problemas. Infelizmente, nem com isto concordaram os inquiridos. Mencionaram que os gestores portugueses são desenrascados, mas não criativos»**, acrescenta.

Para inverter a situação, o estudo aponta como medidas fulcrais e urgentes uma profunda reforma da educação e formação em gestão e uma competição a sério das «business schools» portuguesas com o resto da Europa para aumentar o grau de exigência na qualidade do ensino.

Outras das acções a tomar é que os jovens gestores e as empresas mais avançadas deverão ajudar a forçar a adopção das melhores «práticas» que existem em alguns sectores. Finalmente, as associações empresariais deverão difundir um novo espírito de associativismo, baseado no espírito de equipa e no rigor da gestão. ■

Brasil no pelotão da frente do empreendedorismo

O Brasil encontra-se na 3ª posição mundial em termos de iniciativa empreendedora em percentagem da população adulta, segundo um estudo agora publicado denominado The Global Entrepreneurship Monitor, da iniciativa do Babson College nos Estados Unidos e da London Business School no Reino Unido. Portugal encontra-se no 21º lugar em 29 países participantes do estudo. O líder do estudo é o México com cerca de 20% da população, seguindo-se a Austrália, Brasil, Irlanda, Estados Unidos e Hungria. Portugal encontra-se na pior posição da lista em termos de educação incentivadora do empreendedorismo e em penúltima (antes da Argentina) no campo da adequação das políticas governamentais. As barreiras culturais ligadas ao crónico medo de falhar, à ausência de espírito de risco e de espírito de independência na carreira pessoal, são apontadas como estando no «top» das razões do baixo empreendedorismo em Portugal. ■

III Encontro Ibero-Americano de Finanças e Sistemas de Informação

23 a 26 de Outubro de 2002 — Setúbal (Portugal)

O III Encontro Ibero-Americano de Finanças e Sistemas de Informação realizar-se-á este ano em Setúbal, Portugal. Pela primeira vez, Portugal acolhe este encontro. O objectivo principal deste Encontro é a constituição de um fórum de reunião e debate, nas áreas científicas de Finanças e Sistemas de Informação, sobre os novos paradigmas que se perspectivam para as organizações neste início de século. No entanto, procurará também ser um espaço de encontro ou reencontro de um conjunto significativo de profissionais, como tem acontecido nas edições anteriores.

A Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE) de Setúbal, e em particular a Comissão Organizadora, encontra-se empenhada em fazer deste evento um marco científico, humano e cultural. Os trabalhos abrirão a 23 de Outubro em Setúbal, na ESCE, e continuarão em Sesimbra a 24, e a 25 de Outubro realizar-se-á um jantar de encerramento na Pousada do Castelo de Palmela. No dia 26 de Outubro realizar-se-á um passeio cultural.

Todas as informações sobre o III EFSI poderão ser obtidas na Web em www.esce.ips.pt/congresso_efsi/ ou através do e-mail: congresso.efsi@esce.ips.pt. ■